

País vai desacelerar economia, diz Loyola

Presidente do BC afirma que Brasil vai conter crescimento em 97 para manter Plano Real

RENAN ANTUNES DE OLIVEIRA
Especial para o Estado

O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, disse ontem, em Nova York, que o governo brasileiro vai seguir as regras do Fundo Monetário Internacional (FMI), em 1997, desacelerando ainda mais a economia, para permitir um crescimento de no máximo 4% a 5%. O objetivo da promessa, explicou, é atrair investimentos "de qualidade, evitando o capital que busca ganhos rápidos".

A declaração de Loyola confirma as observações feitas pelo ex-presidente do Banco Central Péricio Arida, um dos autores do Plano Real, em entrevista exclusiva ao *Estado* no domingo. Já o ministro da Fazenda, Pedro Malan, em entrevista ontem em Belo Horizonte, disse que notícias sobre desaceleração da economia são "conversas estapafúrdias", já que, segundo ele, a economia não está superaquecida (ver ao lado).

O presidente do BC participou, nos Estados Unidos, de um debate com os presidentes dos bancos centrais do Chile, Venezuela e México, no âmbito da Conferência das Américas, promovida pela revista *Forbes*, que reuniu empresários e investidores no Hotel Waldorf Astoria.

MALAN
AFIRMA QUE
NOTÍCIA É
ESTAPAFÚRDIA

Loyola disse que a desaceleração é a principal medida para manter o Plano Real. Ele reafirmou que o governo vai "reduzir o custo Brasil", cortando a folha de pessoal e a Previdência Social, apostando ainda mais na privatização.

O presidente do BC procurou apresentar números positivos à platéia. O mais importante foi o ganho de produtividade, que atingiu 7% ao ano desde o início da abertura da economia brasileira, nos anos 90.

As reformas em discussão no Congresso foram destacadas por Loyola. Segundo ele, o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso vai continuar oferecendo oportunidades de investimento em todos os setores. "Nossa abertura é irreversível, no contexto da globalização", afirmou.

De acordo com Loyola, o Brasil quer aumentar o financiamento às exportações para corrigir o déficit registrado na balança comercial nos últimos meses. Ele afirmou que o problema é "pequeno e suportável".

No fim do ano o País terá uma taxa de crescimento de 7%, diante de uma média de 3% do resto do ano, disse. "Vamos entrar em 97 com taxas baixas de crescimento e equilibrando a balança." Loyola previu um déficit final de até US\$ 4 bilhões na balança comercial. O presidente do BC recusou-se a comentar, por ordens do ministro Pedro Malan, a situação do Banco Bamerindus. "Não posso falar de um processo em andamento", afirmou.



Luludi/AE — 22/9/95

Gustavo Loyola: desaceleração é essencial para o Plano Real